

Luca Francesconi

Mover a Terra

26 Janeiro—26 Março, 2022

Pedro Cera tem o prazer de apresentar a primeira exposição de Luca Francesconi, na sua galeria.

Esta exposição fala da força que move a terra.

Hoje, a fertilidade do solo tornou-se um tema decisivo, mas não se tem falado tanto da capacidade de cultivar.

Sem mover a terra, o homem não poderia fazer crescer nada: não haveria agricultura.

Por isso, não se tem discutido suficientemente a força, vista como a predisposição do homem para o cultivo.

Sem um regresso ao terreno, não poderá haver uma retoma da capacidade.

A crise económica iniciada em 2007/08 foi-se intensificando nos anos seguintes, e pode dizer-se que se transformou numa crise constante, estrutural. A minha geração, na idade adulta, conheceu apenas um retrocesso económico, mas temos idade suficiente para nos lembrarmos bem de situações mais prósperas e tranquilas.

Um pouco mais tarde, a crise das dívidas soberanas europeias, que emergiu a partir de 2010, expôs antigos e eminentes países a uma situação próxima do default.

Neste quadro, a pandemia que se seguiu insere-se, por fim, num clima de longa agonia. Tal como se sai do abrigo, no final de um bombardeamento, e se começa a contabilizar os danos, também os ocidentais se deram conta da sua perda de capacidade e, logo, da sua perda de força.

Não gosto das descrições bucólicas de um regresso à terra. Prefiro concentrar-me na falta de capacidade para cultivar: a primeira habilidade que o homem deveria recuperar é a de mover a própria terra.

Trata-se, essencialmente, de ser capaz de «gerar algo» a partir do nada.

O simples gesto de lavrar e plantar é a reconstituição primordial do Génesis.

Julgo que já nos aconteceu a todos caminharmos junto a um campo acabado de semear e apercebermos de algo maior que o mero esforço de evitar que as culturas se estraguem sob o peso dos nossos passos. Surge em nós uma verdadeira deferência para com a terra semeada, que nos leva a respeitar, inconscientemente, algo de muito grande, de uma dignidade imponente. Dominados por esta sensação de observância implícita, estabelecemos — talvez sem nos darmos conta — uma ligação subordinada e religiosa com o ato de cultivar, regressando a um tempo em que não existiam locais de culto, pois o próprio campo agrícola era considerado um Santuário.

Este respeito pela terra que nós, homens, trazemos desde sempre connosco é, uma vez mais, o melhor instrumento para sairmos desta crise a que todos chamavam económica, mas que hoje sabemos ser, acima de tudo, uma crise existencial da nossa sociedade.

Assim, saber mover a terra é mais um ato de génese que um ato de iniciação. Plutão é apenas a imagem da capacidade agrícola. O deus da agricultura, na iconografia renascentista, é um homem possante e hábil. Aquele que é apresentado nesta exposição é apenas um homem frente à imensidão da terra cultivável, e que hoje se estende idealmente até ao infinito, até aos confins do mundo.